

MARIA LÚCIA

O SONHO DO INFANTE

~ PEÇA INFANTIL ~



EDIÇÃO DA
COMP.^a EDITORA DO MINHO
BARCELOS - 1960



3)
21.134.3-2Lúcia, Ma
AP

MARIA LÚCIA

O SONHO DO INFANTE

~ PEÇA INFANTIL ~



*Borabane
Perm*

EDIÇÃO DA
COMP.^a EDITORA DO MINHO
BARCELOS - 1960

8678

A MEUS FILHOS

SE os portugueses se podem debruçar orgulhosos e maravilhados ante as páginas imortais da nossa História no séc. XV e XVI é porque Portugal foi a Pátria do Infante D. Henrique. Na Ponta de Sagres ele ergueu um facho de luz, que iluminou os caminhos obscuros e desconhecidos para a África, para a Índia e terras do Oriente, para a América ignorada e oculta pela vastidão dos oceanos que a encobriam.

O Infante D. Henrique não é uma figura vulgar, nem apenas um homem de génio que sobressaiu entre os contemporâneos; ele ascendeu pelo seu saber, pela sua constância, pelo sacrifício de uma vida inteira votada a um ideal, pela firmeza de carácter, pelo afinho ao estudo, pelo estoicismo com que suportou reveses e alegrias, ele subiu ao mais alto pedestal que a Pátria pode erguer aos heróis.

Ao ensinar aos pequeninos a História de Portugal, grande deve ser o cuidado do mestre para lhe incutir no espírito profunda admiração pelo homem que em si encarna o expoente mais alto do valor duma raça e duma época. Ele foi mais que o timoneiro da Pátria para caminhos de glória e de esplendor, ele foi o espírito medieval que pressentiu o desabrochar do Renascimento. O Infante de Sagres não cria já nos mitos e lendas em que se embrenhavam indecisas e temerosas as almas apegadas a velhas fantasias, erguidas pela ignorância dos povos bárbaros. E, porque não cria em mitos e lendas, se fincou, altivo, no rochedo de Sagres, entre os sábios mais eminentes na arte náutica, firme no seu propósito de mostrar ao mundo que, em breve, o espírito científico iria vencer crenças infantis e mistérios vagos, construídos e architectados pela ignorância das raças primitivas, que cobriam a Europa em ondas sucessivas, durante séculos, mergulhando as nações numa escuridão completa pela destruição dos focos de cultura da velha Grécia e Roma, politicamente vencidas, divididas e espezinhadas.

O promontório de Sagres devia ser talvez um lugar de peregrinação de todos os portugueses, que, numa homenagem sentida e reco-

lhida, se ajoelhassem naquele ermo silencioso e, por momentos, evocasse a figura austera do nobre Infante, arrastando para o mar toda uma Pátria de nautas, de guerreiros, de monges, de investigadores, de colonos ignorados, que, em novas terras, prolongaram Portugal e, ao velho Mundo, abriram, de par em par, as portas dum vasto campo de estudo, lhe deram novos temas, para as artes e as letras, e novos céus para neles ler, em estrelas de fulgor estranho, o Nome de Deus e da Pátria Portuguesa.

Em 1960 o País inteiro vai erguer-se num cântico uníssono de louvor ao Infante de Sagres. Será então, necessário que as crianças de Portugal, por momentos, parem nos seus folguedos e, com orgulho, profundamente sentido, se curvem ante a memória do «Alto Infante», o possam lembrar, erguido altivamente, no promontório agreste e desabrigado do Cabo de S. Vicente, escutando ora o murmúrio sereno do mar, ora o espumar revoltoso das vagas...

Esta pequenina peça, O Sonho do Infante, não é um esmerado labor literário, é antes uma evocação simples do que poderiam ter sido alguns momentos breves da vida dum Homem tão grande da nossa Pátria, que, como as crianças de hoje, também foi menino, e como eles brincou e sonhou...

Os seus sonhos, porém, com ele cresceram, tomaram vulto e tornaram-se uma realidade. Foi certamente a sólida formação moral daquele carácter íntegro e o desejo indomável de alargar os limites da Pátria ao serviço de Deus, que não o deixaram sossobrar ante a enormidade de tamanha empresa. Venceu terrores e superstições, exigiu dos geógrafos, cartógrafos e cosmógrafos, os mais profundos estudos, buscou ansioso, por velhos escritos, de viajantes intrépidos e lendários, indicações de roteiros seguidos, vagos caminhos de mares desertos e terras remotas, teimou com fé cada vez mais forte e mais segura, lançando, em cada nova tentativa, o olhar para horizontes mais distantes, mais largos, mais varridos de sombras, mais transparentes ante a sua vista penetrante.

Parece que o rochedo de Sagres se erguia, deixando o Infante contemplar os sulcos das Caravelas, sempre em rotas mais longas, a caminho do sul e, dessas névoas que queria rasgar e para além das quais os seus olhos pareciam estender-se já, felizes e vitoriosos...

O Sonho do Infante

I ACTO

Numa sala do paço, ou num jardim, os três príncipes, ainda crianças, brincam despreocupadamente, jogando com uma bola.

INFANTE D. DUARTE

» D. PEDRO

» D. HENRIQUE

D. Duarte

Em breve os nossos folguedos de meninos serão trocados por tarefas mais sérias.

D. Pedro

Assim será, mas nós temos já grande prazer nessas occupa-
ções e vós, então, pareceis um velho nos vossos sábios conselhos
e nas horas que dedicais à leitura e à meditação.

D. Henrique

Muito temos estudado e lido, mas afinal nada sabemos do
mundo em que vivemos. As únicas verdades, em que creio, são
as da nossa Santa Religião! De resto tudo é vago! Todos os
antigos conhecimentos andam envoltos de lendas e mistérios...

D. Duarte

O meu grande anseio é saber, com certeza, onde deve acabar
a misericórdia e começar a justiça, pois o governo dos povos não
consente espíritos tíbios ou crueis.

D. Pedro (para D. Duarte)

Andais sempre recolhido, creio bem que debruçado sobre vós mesmo, na ânsia de conhecer e dominar o que pensais e sentis.

D. Pedro (para D. Henrique)

Em vós, porém, eu surpreendo, por vezes, o olhar distante, perdido, como que vagueando por paragens remotas . . .

D. Henrique

Assim é! Domina-me a ânsia de desvendar os mistérios e as lendas, e, como um nauta louco, deixar-me levar pelas ondas bravias dum mar encapelado!

D. Duarte

Tanto vos perturba a voz do mar que já vos tenho observado, horas esquecidas, parado a escutá-lo . . .

D. Henrique (agarrando a bola)

Olhai! A terra é como esta pela redonda, mas imensa! . . . Nela há, certamente, vastos continentes e grandes oceanos!

Para além do nosso reino, outros há, pois deles nos falam os historiadores da velha Grécia e Roma; deles nos chegam rumores através dos marinheiros de Veneza e de Génova e dos mercadores da Mauritânia.

Eu tenho pois a certeza que, para lá destas águas, há ilhas formosas e há terras férteis com florestas impenetráveis. Nesses reinos longínquos há raças desconhecidas e animais que nunca vimos! . . .

Eu sinto na brisa do mar perfumes estranhos e escuto ecos que me agitam . . .

D. Duarte

Não quereis certamente fazer-vos um aventureiro, soltar as velas duma nau e correr ao encontro dessas terras, que talvez existam, apenas, na vossa imaginação!

D. Henrique

Creio que não! Não tenho o direito de desperdiçar a minha vida, porque um príncipe pertence à sua pátria e devo servir Portugal!

Acalento porém um sonho! Será uma fantasia, um pensamento louco, ou sabe-o Deus Nosso Senhor, uma previsão da verdade!...

D. Pedro

Sempre o pressenti, pois adivinho na energia com que se vinca o vosso rosto, que premeditais, com grandes obras, servir a nossa Terra.

D. Henrique

Às vezes penso que hei-de recolher-me, um dia, entre livros e sábios, num ermo junto ao mar, para lhe arrancar segredos e desfiar mistérios, se Deus o nosso Rei e Pai o consentir e se for para grandeza e glória do Reino.

D. Pedro

Jamais algum ser humano se atreveu a navegar o Oceano Atlântico a que os árabes, grandes navegantes de Gibraltar aos Dardanelos, do Mar Vermelho e do Oceano Índico, chamam «verde mar das trevas» e «deserto movediço de ventos incertos».

D. Henrique

Com estudos sérios e persistência hei-de varrer as brumas que nos ocultam os horizontes longínquos...

Portugal irá ao «serviço de Deus» dar «novos mundos ao mundo».

D. Duarte

As horas passaram. É tempo de recolher. Mais parecemos, esta tarde, donzelas em devaneios que moços a quem o exercício do corpo tão necessário é para as lides de cavaleiros.

D. Henrique

Praza a Deus que breve chegue a hora em que possamos receber, com honra, as nossas espadas... e com elas rasgar novos caminhos à gente lusíada!...

Na abertura do 2.º acto

O Infante, sentado, num rochedo, com ar meditabundo... sonhando... parece dizer o poema junto, que será declamado, nos bastidores, por alguém.



*Aqui, neste rochedo... bem meu inspirador,
Escuto a voz do mar, num sonho aliciante...
Pois vive no meu peito a ânsia bem gritante
D'erguer as nossas quinas em terras de esplendor.*

*As ondas requebrando em rendas de esp'rança
Desfazem os mistérios... e o mar será certeza
Nas naus que riscarão, em sonhos de beleza,
A difundir a fé num mundo que se alcança.*

*Portugal será grande... imenso, eu bem pressinto
Nas lendas e cantares, ai! tudo que conheço...
Só o longe e o distante é Sol que desconheço;
Mas fé que me inunda da luz que sempre sinto.*

*Naus riscarão o mar, num impulso veloz.
E a nossa fé em Cristo, que é grande e sem igual,
Levará os poetas... de têmpera imortal...
A ensinar ao gentio nossa crença e nossa voz. (a)*

(a) António Baptista.

No promontório de Sagres

O Infante — Amigos meus e meus leais servidores: quantos dos meus sonhos de adolescente se têm tornado realidade em tão breves tempos!...

Um astrónomo

Chamais breves tempos a anos longos... Desprezastes o mundo, o conforto do paço, a alegria dum lar, os prazeres e as folganças para, sobre estes rochedos, teimosamente, sem um vislumbre de cansaço, sem arremedo de impaciência, arrancar ao mar os seus segredos, desvendar nos céus rotas desconhecidas, interrogar os ventos incertos.

Sem a vossa energia não se teriam aventurado os marinheiros, dominados por terrores vagos, crentes em lendas e agarrados a superstições...

Um velho marinheiro

Todos os dias olhais, ansioso, a interrogar o horizonte na esperança de ver surgir Gil Eanes, que, uma vez mais, foi tentar o caminho para além do Bojador.

É um marinheiro experimentado e em breve tereis novas suas... eu creio.

Outro homem da casa do Infante

Ante as vossas naus têm-se aplanado as ondas e aberto caminhos seguros. Rasgaram-se névoas e já divisamos as ilhas de Porto Santo, a Madeira, Santa Maria e extensas léguas da costa da África.

O velho marinheiro

O vento está favorável para as naus regressarem ao reino. O mundo antigo há-de estremecer e baquearão as crenças, assentes em mitos milenários, ante a nova inacreditável.

Um marinheiro alvoroçado

Senhor. Chegaram as naus. Em breve estará aqui o seu destemido capitão, Gil Eanes, pois desembarcados são já todos que nelas vinham.

Infante

Ouçamos o que ele nos conta. Eu não duvido que, desta vez, cumpriu a missão que lhe confiei.

Gil Eanes

Senhor, dobramos o Cabo Bojador e passamos para além... O mar era calmo junto à costa africana e não havia nas praias senão areia. «E porque, Senhor, me pareceu que devia trazer algum sinal da terra pois que em ela saía, apanhei estas ervas que aqui apresento a Vossa Mercê, as quais nós em este reino chamamos rosas de Santa Maria».

O Infante (apertando ao peito, as ervas murchas)

Graças a Deus! Dobrastes o Cabo e pudestes regressar ao Reino!... Não mais se repetirá que «passar além do Bojador é passar além da dor».

Um marinheiro

Muitos foram os perigos e grandes os nossos receios, mas, sempre nas horas de incertezas ou desânimos, nos lembravam as vossas palavras:

— Ide mais além! Mais além!

O Infante

Outras caravelas em breve seguirão a vossa rota, e após estas, outras mais longe ainda, e um dia, dirão da gente portuguesa «e se mais mundo houvera mais lá chegara».

Partida para a Índia

Aproximam-se da capelinha do Restelo os marujos que nela entram, ouvindo-se cânticos religiosos.

Saem depois e dirigem-se para o local do embarque enquanto o povo comenta de vários modos esta nova arrojada aventura.

Uma mulher do povo

Que o Senhor ouça as nossas preces e que nos dê a ventura de um dia virmos a esta mesma praia receber com alegrias os que agora se partem com lágrimas.

Um velho marinheiro

Pena é que tanto me pesem os anos!... doutro modo eu seria também um dos que, confiadamente, iria nestas belas naus, rumo às Índias, certo de as alcançar porque, para nós, portugueses, já não há segredos no mar Atlântico.

Um velho cavaleiro

Bem merecia o nosso rei D. João, que Deus haja, assistir a esta largada, pois foi ele e o Senhor Infante quem, com mais fé e entusiasmo, viveram as horas de angústias e de incertezas destas arriscadas viagens!

Outro velho do povo

Deus não quis que eles deste mundo levassem essa alegria, mas as suas almas velarão ansiosas a par dos perigos e triunfos desta jornada...

Uma mulher velhinha

Não verei, certamente, mais o meu filho, mas que possam as dores que me apertam o coração, transformar-se em glória e riquezas para o reino.

Senhora fidalga

Se à Índia chegarmos não se levantem, um dia, só, estátuas e templos aos heróis; inclinem-se as gerações vindouras ante as dores imensas que as mulheres de Portugal sofreram. Partiram os nossos filhos, os nossos maridos, e quantos deles, para lá ficarem, entre as águas infinitas dum mar desconhecido...

Outra mulher fidalga

Seremos senhores dos mares, mas alguém dirá, depois de contemplar tanto sofrimento...

Ó MAR SALGADO
QUANTO DO TEU SAL
SÃO LÁGRIMAS DE PORTUGAL. (a)

O velho do Restelo

Ó GLÓRIA DE MANDAR! Ó VÃ COBIÇA!
A QUE NOVOS DESASTRES DETERMINAS
DE LEVAR ESTES REINOS E ESTA GENTE?
QUE PERIGOS, QUE MORTES LHE DESTINAS?
QUE PROMESSAS DE REINOS E DE MINAS
D'OURO, QUE LHE FARÁS TÃO FÁCILMENTE?
QUE FAMAS LHE PROMETERÁS? QUE HISTÓRIAS?
QUE TRIUNFOS? QUE PALMAS? QUE VITÓRIAS?
.
Ó MALDITO O PRIMEIRO QUE NO MUNDO
NAS ONDAS VELA PÔS EM SECO LENHO... (b)

Outro homem

Calai-vos, por Deus, Senhor que de ânimo precisam os que partem e de esperança os que se ficam.

(a) Fernando Pessoa.
(b) Luís de Camões.

O velho marinheiro

Não há perigos que façam esmorecer este Portugal que se afez ao mar, nem haverá no mundo, um dia, águas onde se não mirem orgulhosas as nossas caravelas.

Outra mulher

Louvado seja Deus, que nos deu coragem para não encher de desalento esta hora triste da partida. Já se foram todas. As velas enfunam-se e começam a deslizar as naus.

Muitas mulheres

Que Deus ouça agora as nossas orações e que a Senhora do Restelo os acompanhe!

Avé Maria, (as mulheres de joelhos e de mãos erguidas balbuciam a Avé Maria, enquanto o pano desce).

Chegada da Índia

O rei e toda a corte dirigem-se para o cais onde se aglomera o povo e a fidalguia do reino.

1.º FIDALGO

Todos verão agora que as novas trazidas por Nicolau Coelho há mais de um mês, eram verdadeiras, embora eu sinta que muitos as não têm por certas.

2.º FIDALGO

O S. Gabriel não vem engalanado, porque Vasco da Gama que venceu os mares desconhecidos, as tempestades e os inimigos traiçoeiros, não venceu ainda a dor de não trazer a seu lado o querido irmão Paulo da Gama.

1.º FIDALGO

A cidade e o reino irão viver dias de regosijo tal, que os corações enlutados terão de chorar a sós, as suas mágoas.

2.º FIDALGO

Tantos homens se perderam, mas tanta honra se alcançou, e os portugueses deram «mundos novos ao mundo».

UM FRADE

Os navegadores levantaram padrões nessas terras imensas, agora, nós, os missionários teremos de erguer a Cruz.

1.º FIDALGO

El-rei ordenou que em todas as cidades e vilas se celebrassem missas em acção de graças. Por todo o reino, os sinos em repiques festivos têm anunciado a boa-nova.

Olhai! Vasco da Gama está junto de El-rei, escutemos o que diz.

VASCO DA GAMA (ajoelha ante D. Manuel)

«Senhor, nesta hora são acabados os meus trabalhos e de todo satisfeito, pois Nosso Senhor me trouxe ante Vossa Alteza.

REI D. MANUEL

Vossa vinda seja mui boa! Eu tenho tanto prazer que ninguém o tem mor que eu.

E pois Deus vos deu vida até aqui, vo-la dará para de mim receberdes as mercês que merece vosso tão grande serviço como tendes feito.

No paço me contareis em mais recato e sossego como se passaram tão longos meses sobre as águas do mar».

UM MARINHEIRO (para Vasco da Gama)

Senhor! É nosso dever de cristãos, antes de nos estontearmos em festejos e júbilos, daqui mesmo, nos dirigirmos à ermida do Restelo. Ali iremos cumprir promessas e dar louvores a Santa Maria de Belém que ouviu as preces angustiadas da partida e que, tantas vezes invocamos nesta longa e atormentada viagem!

VASCO DA GAMA

É esse o nosso primeiro dever! Vamos pois à capelinha orar como no dia em que daqui nos fomos, mas, agora para erguermos as nossas vozes em Te Deum!

D. MANUEL

A capela bem pequena é hoje para conter o júbilo dum feito tão grande!

Em seu lugar mandarei erguer um templo majestoso. Será um padrão erguido à coragem, ao saber e à fé dos portugueses deste século!

UM FIDALGO (para el-rei)

Mandai, Senhor, gravar nas pedras desse templo tudo quanto possa lembrar, para sempre, os descobrimentos marítimos.

D. MANUEL

Nas suas naves há-de ressoar o murmúrio das vagas! Ninguém o poderá admirar sem sentir quão grandioso foi o belo «Sonho do Infante».

FIDALGO (para D. Manuel)

Sonhador e visionário a ele deveis hoje o vosso pomposo título de Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar, em África, Senhor da Conquista da Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia.

TODO O POVO

SALVÉ! REI VENTUROSO
SALVÉ! PORTUGAL

COMP. E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
: : : : : BARCELOS : : : : :

biblioteca
municipal
barcelos



27533

O sonho do Infante